



Ser Criança: pistas para um estudo sobre a compressão no período da infância nas páginas das revistas *Pais & Filhos* e *Crescer*¹

Renata TOMAZ²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo apresenta os pressupostos e considerações a partir dos quais será possível realizar uma pesquisa sobre uma aparente compressão no período da infância, entendida como uma construção social ao longo dos últimos séculos. Trata-se de seguir pistas que apontam para uma alteração dos cenários socioculturais, vinculada sobretudo ao avanço da *juvenilização* das sociedades, à consolidação dos imperativos de autonomia e aos regimes contemporâneos de verdade. Por meio de uma análise preliminar nas revistas *Pais & Filhos* e *Crescer*, este trabalho sinaliza uma nova concepção de infância, comprimida, e seus prováveis imaginários constitutivos.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira infância; Revista *Pais & Filhos*; Revista *Crescer*

A conclusão da minha dissertação de mestrado foi marcada por uma emergência de questões que retomo nesse momento. Em minha pesquisa anterior analisei a formação dos discursos que constituem os chamados *tweens* ou pré-adolescentes, categoria etária instituída como uma etapa de transição entre a infância e a adolescência (TOMAZ, 2011). O estudo, entretanto, não permitiu apenas a desnaturalização deste período. Além de elencar os elementos que, historicamente configurados, permitiram sistematizar o nascimento de uma nova categoria etária, foi possível apontar evidências de que sua construção se deu no interior de um conjunto de alterações socioculturais na contemporaneidade³. Dentre as constatações a que cheguei está a de que o acesso a uma *estética jovem* exige dos mais novos uma negação da infância, ou seja, dos modos pelos quais a infância é socialmente concebida. As imagens de crianças *juvenilizadas*,

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Doutoranda de Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, email: renatacomaz@gmail.com.

³ Para compreender esse fenômeno, tracei um caminho genealógico a fim de entender a formação da interioridade do indivíduo moderno e a conseqüente possibilidade de novas tecnologias de subjetivação advindas de tais alterações. Em seguida, analisei dois anos da revista *Atrevidinha*, voltada para meninas entre 7 e 12 anos de idade, e o primeiro ano do gibi *Luluzinha teen e sua turma*. Em seus discursos identifiquei imperativos de autonomia, crescimento e amadurecimento, os quais, por meio das prescrições contidas no material de análise, sugeriam os caminhos pelos quais os sujeitos juvenis poderiam se constituir, através de uma ação contínua sobre o *self*.



crescidas e *empoderadas* descortinaram, por outro lado, uma infância em transformação. Se, de um lado, proliferam os discursos que convocam crianças a crescer e se autonomizar, de outro, multiplicam-se rapidamente os discursos que enfatizam a urgência de uma infância protegida e controlada. Ao mesmo tempo em que as sociedades aceitam e, até certo ponto, encorajam a adesão de crianças ao universo jovem, elas também desenvolvem mecanismos de controle que assegurem a legitimidade de uma infância, entendida aqui como um período socialmente constituído para adiar o acesso ao universo jovem e adulto⁴. O que a pesquisa deixou claro foi que, embora haja uma propulsão de discursos caracterizados pelo imperativo da autonomia, eles não se sobrepujam aos demais. Antes, coexistem com eles, especialmente aqueles que lhe fazem resistência, por meio de um insistente apelo à proteção do que é ser criança.

Se na pesquisa anterior debruicei-me sobre a formação desse sujeito em transição, em suspensão, investido de comportamentos e condutas que lhe permitiriam acessar a juventude, daqui pra frente, minha intenção é diagnosticar a infância do presente e compreender a dinâmica e os alcances que definem seus parâmetros. Pretendo identificar, nos discursos midiáticos voltados para a orientação dos pais, os alicerces da construção de uma *nova* infância e, portanto, de um *sujeito infantil*, a partir das falas que o constituem, formadas na produção de saberes, dentro de um regime específico de verdade, articulado ao governo de uma população infantil.

A produção de saberes sobre a infância atravessou séculos e, nesse sentido, não tem nada de novo. Muito menos a complexa tecnologia de governo e, portanto, de subjetivação articulada a sua constituição. O que me chama atenção, entretanto, nesta observação preliminar é uma aparente compressão do período de infância. Após sofrer um alargamento gradativo, o período que as sociedades estabeleceram para adiar a passagem da infância para a vida adulta parece estar sendo encurtado. Seguindo esta

⁴ É importante pontuar, neste sentido, que este alargamento da juventude tem provocado a reformulação das estruturas etárias. O documento *La juventud del mundo 2000*, por exemplo, publicado em 2001 pelo *Population Reference Bureau* dos Estados Unidos, redefiniu a faixa etária da juventude – determinada pela ONU nas idades entre 15 e 24 anos – para as idades de 10 a 24 anos. A alteração foi acompanhada pela própria ONU e pela Organização Mundial de Saúde, que passou a considerar a adolescência como uma fase dividida em pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos) (ABRAMOVAY, 2004). Dados da Organização Ibero-Americana de Juventude mostram que os países da região também estão revendo suas definições de juventude, como é o caso de El Salvador (7 a 18 anos), Colômbia (12 a 26 anos), Costa Rica (12 a 35 anos), México (12 a 29 anos) e Argentina (14 a 30 anos). Isto significa que a mudança cultural está interferindo na definição, mesmo que arbitrária, da estrutura etária (CHILLÁN, 2005).



pista, passo a apresentar um caminho possível para comprovar esta hipótese e apresentar suas prováveis implicações, buscando, assim, compreender os modos pelos quais a cultura contemporânea permite uma nova concepção de infância e, logo, novos modos de subjetivação.

Compressão da infância moderna

Conforme investigou Ariès (1981), a infância foi organizada na Modernidade como um período de tempo alongado, que se valeu sobretudo da escolarização das crianças para retardar a entrada delas no universo adulto, permitindo-lhes gozar de mais tempo sob a tutela e proteção dos mais velhos. Tal adiamento estendeu-se ainda mais com o surgimento da adolescência, tornando o acesso ao universo autônomo dos adultos um grande esforço de socialização conduzido por um arranjo entre Estado, sociedade e família. A visão desenvolvimentista da infância é proveniente do século XVII e parte da premissa de que as crianças são incompletas e precisam gozar de tal período com o fim de tornarem-se indivíduos “cada vez mais perfeitos – ‘maduros’, ‘civilizados’ – através de uma lenta submissão a padrões racionalizados de conduta onde prevalecem os valores de autonomia, do racionalismo, da individualização e do auto-centramento” (CASTRO, 2001, p. 21). Mas há que se pensar que essa criança, que carece constantemente do adulto, não aparece, hoje, em absoluto. Trata-se de uma imagem que coexiste com outras, inclusive com aquela de uma criança sabida, capaz de prover os mais velhos de conhecimentos em vez de apenas recebê-los. Para Castro, foi no consumo que as crianças se tornaram visíveis e ampliaram sua condição de objeto de conhecimento para a de sujeito infantil.

Agora não mais invisíveis por não poderem trabalhar ou produzir, mas eminentemente agentes, porque podem consumir. Neste sentido, a criança e o jovem aparecem, adquirindo potência e agência, enquanto novos atores no cenário da cultura contemporânea (CASTRO, 1998, p. 60).

Postman (1999), por outro lado, acredita que o uso da televisão iniciou o esmaecimento dessa infância clássica. Na opinião dele, ao expor imagens que não exigiam das crianças habilidades cognitivas complexas, como o letramento, a TV permitiu-lhes o contato com conteúdos adultos, tirando-lhes a *inocência*, condição fundamental, segundo ele, para a diferenciação entre crianças e adultos. Ele nota uma homogeneização dos gostos, que elimina pouco a pouco a tradicional distinção das duas



categorias, produzindo uma criança “adultificada”. Já Tapscott (1999) assegura que esse divisor de águas está na primeira geração de crianças marcada pela internet e não pela TV, que ele desqualifica, atribuindo-lhe uma característica de “passiva”, em contraste com uma internet “ativa”. Na visão dele, há um caráter democrático, multicultural e descentrado na internet – o que estaria capacitando as crianças a assumir o papel de autoridade diante de seus pais e pares.

Para avançar no entendimento desse movimento nas fronteiras que demarcam a infância contemporânea, é preciso investigar mais a fundo os processos pelos quais novas concepções dela foram se operacionalizando. Buckingham (2007) afirma que não se pode falar de uma história da infância, mas de uma história das representações da infância: “histórias de declínio, de civilização, de libertação, de repressão e controle” por meio das quais “os significados e a experiência vivida da infância são normalmente regulados e definidos” (BUCKINGHAM, 2007, p. 92). Neste sentido, ele defende que as mudanças na concepção da infância contemporânea são “menos dramáticas” e “muito mais ambivalentes e contraditórias” (BUCKINGHAM, 2007, p. 92). Tais mudanças, acredita, precisam ser mais estudadas nas diferenciações entre crianças mais novas e crianças mais velhas, do que entre crianças e jovens ou crianças e adultos.

A autonomia dada às crianças mais velhas, os chamados pré-adolescentes, especialmente por meio do acesso às novas tecnologias, lhes permite exercer um *autocontrole*, vinculando os anseios de amadurecimento e *juvenilização* às bulas de procedimento presentes nos produtos e serviços endereçados a elas. Há, portanto, uma aproximação cada vez maior entre elas e os jovens: “muitas crianças mais velhas aspiram cada vez mais à liberdade que elas imaginam existir na ‘juventude’” (BUCKINGHAM, 2007, p. 143). Por outro lado, cria-se um maior distanciamento delas com as crianças mais novas. Estas têm sido alvo de um controle mais explícito – o que se pode perceber na proliferação de discursos sobre como criar filhos, num aumento significativo das definições de abuso infantil (como pedofilia), na disseminação de políticas públicas e diretrizes educacionais relacionadas aos direitos da criança, na propagação de dispositivos de controle e segurança (GPS para crianças, filtros para conteúdos específicos acessados via computador, câmeras de segurança em casa, nas creches e escolas etc.). Esta infância superprotegida, que passou séculos sendo ampliada, está sendo comprimida, diante dos ditames de *juvenilização* e autonomia.



Para avançar no entendimento da transformação do período da infância, no que diz respeito às subjetividades infantis, acredito serem ainda importantes os trabalhos de Maria Isabel Bujes (2002) e Nickolas Rose (1996, 1998, 2001). Ela pode ajudar com sua análise sobre as formas pelas quais a sociedade brasileira desenvolveu tecnologias de subjetivação para a criança escolarizada. Ele, por sua vez, oferece contribuição valiosa na abordagem de novas possibilidades de subjetivação na contemporaneidade, sobretudo pela sua investigação a respeito da expansão do campo *psi*. Neste sentido, pensar o deslocamento da fronteira que delimita a infância, tornando-a menor, é pensar não apenas as representações da infância e suas respectivas continuidades e descontinuidades, mas as possibilidades que as alterações culturais mais recentes trouxeram para a constituição de novas formas de subjetivação que operam nos primeiros anos de vida⁵.

2. Primeira infância

Como já foi dito, embora seja inegável a propulsão dos imperativos de autonomia, não se pode ignorar a presença de outras falas que parecem fazer resistência a tais discursos, ao afirmar e reafirmar o lugar da infância, sua importância e valor. Tais discursos enfatizam o controle amplo e ostensivo sobre crianças menores, alocadas no que vem sendo chamado de *primeira infância*. Trata-se de um período delimitado por diferentes intervalos de idade, mas que, no Brasil, é determinado, segundo o Ministério da Saúde, na faixa etária que vai de 0 a 6 anos. Utilizada com cada vez mais regularidade nos discursos do campo da Educação, Medicina, Psicologia e Política Econômica, a expressão *primeira infância* aparece pela primeira vez na revista *Veja*, por exemplo, na edição 56 (*Boato contra o rato*, 01/10/1969, p. 59), onde é definida por um psiquiatra como uma fase em que a criança “ainda não tem caracteres sexuais definidos e se identifica excessivamente com a própria mãe”. Mas é apenas na edição 293 (*Causas da gordura*, 17/04/1974, p. 47) que a publicação traz uma abordagem que vai se estender até os dias atuais: a de que o comportamento e o desenvolvimento que marcam os primeiros anos da vida de uma criança vão acompanhá-la por toda sua existência. É o que defende o deputado Osmar Terra (PMDB-RS), coordenador da *Frente Parlamentar da Primeira Infância*, criada em 22/03/2011:

⁵ As referências teóricas apresentadas são preliminares e têm o objetivo de amparar o início do trabalho. Na medida em que a relação com o objeto de pesquisa for levantando questões próprias e específicas, será, certamente, fundamental ampliar o suporte teórico proposto, inicialmente, aqui.



O que fizermos pelas crianças pequenas agora influenciará suas vidas para sempre (...) A promoção do desenvolvimento integral da criança é fundamental, não somente para o desenvolvimento de qualquer nação, mas sobretudo para a qualidade de vida de nossas crianças e de suas famílias⁶.

Atualmente, é difícil dar conta da acelerada produção de saberes a respeito dessa “idade da vida” (BIRMAN, 2006). Nos mais distintos campos do saber, seu cuidado aparece como uma necessidade premente das sociedades, conforme elucidado pelo *Plano de Ação da Unesco*, assinado em 2000, em Dakar:

A última década forneceu mais evidências de que a boa qualidade dos programas de cuidados e educação na primeira infância, na família e em programas mais estruturados tem impacto positivo sobre a sobrevivência, o crescimento, o desenvolvimento e o potencial de aprendizagem da criança (...) Esses programas devem ser abrangentes e focar todas as necessidades da criança, inclusive saúde, nutrição e higiene, assim como seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial (...) Parcerias entre governos, ONGs, comunidades e famílias podem ajudar a garantir o provimento de programas de cuidados e educação de boa qualidade às crianças.⁷

Dez anos depois de a 27ª Sessão Especial da Assembleia das Nações Unidas aprovar o documento *Um Mundo para as Crianças*⁸, a presidente Dilma Rousseff lançou, em 2012, a *Agenda de Atenção Básica à Primeira Infância - Brasil Carinhoso*⁹ e a *Estratégia Brasileirinhos e Brasileirinhas Saudáveis*¹⁰. As políticas são acompanhadas pela publicação de documentos, tais como o *Plano Nacional pela Primeira Infância*¹¹, lançado em 2010 pela Rede Nacional da Primeira Infância, e a

⁶ Disponível em <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/ADMINISTRACAO-PUBLICA/194588-FRENTE-PARLAMENTAR-DA-PRIMEIRA-INFANCIA-SERA-LANCADA-HOJE.html>. Último acesso em 13/02/2013.

⁷ Educação para Todos – 2000 (Declaração de Dakar). Cúpula Mundial de Educação, Dakar, Senegal, de 26 a 28 de abril de 2000.

⁸ Disponível em http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/um_mundo_para_crianças.pdf. Último acesso em 13/02/2013.

⁹ Disponível em http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2012/15_mai_atencao_primeira_infancia.html. Último acesso em 13/02/2013.

¹⁰ “visa fortalecer o conjunto de esforços desenvolvido em todo o país para articulação, interação e desenvolvimento de ações voltadas à saúde da mulher e da criança até os seis anos” (grifo meu). Disponível em <http://www.estrategiabrasileirinhos.com.br>. Último acesso em 13/02/2013.

¹¹ Disponível em <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/PPNI-resumido.pdf>. Último acesso em 13/02/2013.



*Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância*¹², traduzida para o português pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde, no mesmo ano.

De acordo com o Ministério da Saúde,

A primeira infância constitui provavelmente o melhor investimento social existente, pois é de 0 a 6 anos de idade que a criança estabelece a arquitetura cerebral que lhe permitirá aprender, sentir, relacionar-se, comportar-se e desenvolver-se ao longo da vida. Pesquisas mostram que um bebê estabelece, em média, 700 conexões cerebrais por segundo, chegando a ter, aos 12 meses, o dobro de conexões de uma pessoa adulta. Porém, este desenvolvimento pode não ocorrer plenamente se essas conexões não forem utilizadas e estimuladas. Por isso é tão importante que governo e sociedade invistam na formação, na educação, na saúde e nos diferentes aspectos que cercam a vida das crianças brasileiras, em especial na primeira infância, com foco nos primeiros três anos, prioridade esta também integrante do Programa Rede Cegonha, do Ministério da Saúde¹³.

O município do Rio de Janeiro é atualmente uma das referências no assunto por criar nos últimos anos uma série de mecanismos concentrados no desenvolvimento dos primeiros anos de uma criança. Dentre os programas em operação estão o *Primeira Infância Completa (PIC)*¹⁴, a *Escola de Pais*¹⁵ e o *Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI)*¹⁶. A urgência relacionada à primeira infância está, inclusive, na Economia. Em entrevista à revista *Veja* o Prêmio Nobel de Economia James Heckman afirmou que

Basta dizer que tentar sedimentar num adolescente o tipo de conhecimento que deveria ter sido apresentado a ele dez anos antes sai algo como 60% mais caro. Pior ainda: nem sempre o aprendizado tardio é tão eficiente. Não me refiro aqui apenas às habilidades cognitivas convencionais, mas a um conjunto de capacidades que

¹² Disponível em <http://www.encyclopedia-crianca.com/pt-pt/inicio.html>. Último acesso em 13/02/2013.

¹³ Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=40081&janela=1. Último acesso em 13/02/2013.

¹⁴ Criado em 2011, “tem como objetivo atender aos sábados crianças (de seis meses até 3 anos e 11 meses) que ainda não estão matriculadas nas creches da rede municipal”. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=131779>. Último acesso em 22/09/2012.

¹⁵ Criado em 2011. “Todos os sábados, os pais ou responsáveis pela criança que frequenta o PIC têm aula sobre como cuidar de bebês e crianças no que se refere aos seguintes temas: nutrição, saúde, estimulação do cérebro e fortalecimento dos vínculos familiares”. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=131779>. Último acesso em 22/09/2012.

¹⁶ Em funcionamento desde 2011, “reúne no mesmo espaço a creche e a Educação Infantil e “atende crianças de seis meses a 5 anos e 11 meses de idade, estimuladas a desenvolver, desde pequenas, a aprendizagem através da convivência com livros e materiais apropriados, além de contarem com educadores mais preparados”. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=125528>. Último acesso em 22/09/2012.



deveriam ser lapidadas em todas as crianças desde os 3, 4 anos de vida (*O bom de educar desde cedo*, Veja Online)¹⁷.

A mídia é um lugar privilegiado para observar a produção desses discursos que legitimam a *primeira infância* como uma fase natural da vida, dotada de habilidades potenciais, latentes, aguardando serem descobertas e aprimoradas, como é possível observar na seleção de textos a seguir:

Crianças que ganham afeto dos pais nos primeiros anos de vida têm o hipocampo - área do cérebro encarregada da memória - quase 10% maior que as criadas com mais desleixo (...) A pesquisa, realizada por psiquiatras e neurocientistas da Universidade de Washington em Saint Louis, nos Estados Unidos, revela, pela primeira vez, um vínculo entre cuidados na infância e características físicas. (*Afeto na primeira infância tem impacto benéfico no cérebro das crianças*, Revista Veja Online)¹⁸

Em uma pesquisa realizada pelo Ibope com mais de 2 mil pessoas em 18 capitais brasileiras, foi apontado um resultado inquietante: o carinho e o lazer não são prioridades dos pais na primeira infância dos filhos (...) Apenas 20% deles acreditam na importância de brincar, passear e conversar (...) Pelo que foi visto, a saúde das crianças na primeira infância vem em primeiro lugar, enquanto outros fatores fundamentais para o seu desenvolvimento ainda são deixados em segundo plano (...) Mais da metade dos entrevistados acreditam que o bebê só tem a capacidade de aprender a partir dos 6 meses. (*Carinho e lazer não são valorizados pelos pais*, Revista Pais & Filhos online)¹⁹

O ser humano não nasce com o paladar desenvolvido - ele vai se expandindo ao longo da vida, sobretudo na primeira infância. Por isso, é essencial apresentar novos sabores às crianças, a fim de que elas não recusem os "verdinhos". (*A meta: saúde e alegria*, Revista Veja, 02/02/2011, p. 91)

Crianças que crescem cercadas de estímulos cognitivos na primeira infância chegam aos 8 anos dominando, em média, 12000 palavras (o triplo do vocabulário daquelas que não têm a mesma base). (*A lição de excelência na creche*, Revista Veja, 03/11/2010, p. 146)

Por ser da área de Comunicação e por entender as representações midiáticas como um lugar privilegiado de observação dos fenômenos sociais, escolhi a mídia impressa para investigar a construção *desta* infância, chamada de primeira, mas tratada

¹⁷ Disponível em <http://veja.abril.com.br/100609/entrevista.shtml>. Último acesso em 13/02/2013.

¹⁸ Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/criancas-criadas-com-afeto-tem-hipocampo-maior-revela-estudo>. Último acesso em 13/02/2013.

¹⁹ Disponível em <http://revistapaisefilhos.com.br/familia/voce-viu/carinho-e-lazer-na-primeira-infancia-nao-sao-valorizados-por-pais-e-maes,-mostra-pesquisa>. Último acesso em 13/02/2013.



como única, embora conviva com tantas outras infâncias presentes na sociedade brasileira. Uma infância que mantém elementos aprimorados ao longo dos séculos, mas que ao mesmo tempo abriga uma faixa etária cada vez menor. Sendo assim, para executar essa tarefa, optei pelas revistas *Pais & Filhos*, lançada em 1968 (Editora Manchete), e *Crescer*, lançada em 1993 (Editora Globo), únicas dedicadas à criação dos filhos, atualmente em circulação nacional no País. Uma análise preliminar nas duas publicações mostrou que há uma concentração de discursos da infância nos primeiros seis anos de vida²⁰. A primeira evidência está em uma alteração que corrobora o argumento inicial deste trabalho.

Trata-se de um encurtamento na faixa etária proposta pelas duas revistas. Nos dois primeiros anos de circulação, ambas ofereciam um conteúdo voltado para a criação de filhos entre 0 e 18 anos. Já nos dois últimos anos, esse período aparece diminuído para o intervalo de 0 a 12, em *Pais & Filhos*, e 0 a 8, em *Crescer*. Entretanto, as capas das duas publicações, neste último período analisado, exibem crianças comumente num intervalo de idade que vai de 0 a 3 anos. Além disso, as chamadas de capa analisadas mostram certa concentração em matérias que enfocam, em sua maior parte, os três primeiros anos de vida da criança, com destaque para os meses de gestação (todas trouxeram, pelo menos, uma chamada sobre gravidez). O período de orientação aos pais sobre como criar e orientar os filhos, como se vê, passou por uma compressão.

Seguindo esta pista, o primeiro objetivo da pesquisa será encontrar, numa análise ampla de *Pais & Filhos* e *Crescer*, evidências da compressão do período chamado de infância e entendido por Schindler como aquele que, há quatro séculos, vem “assumindo numa perspectiva de tipo paternalista, o significado de metáfora social de dependência” (SCHINDLER, 1996, p. 272). Para ele, a criança moderna foi sendo gradativamente caracterizada e representada como um indivíduo dependente, inocente, puro, digno de toda atenção. Neste sentido, minha primeira questão é encontrar nas revistas os discursos que mantêm, ou seja, dão continuidade a este entendimento da criança como tal metáfora e, encontrando-os, saber se, de fato, eles se referem a crianças cada vez menores. Outras perguntas a serem possivelmente respondidas, ainda nesta questão, são:

²⁰ Com o objetivo de elaborar um projeto inicial, realizei uma análise preliminar das referidas revistas. Analisei as capas dos anos de 2011 e 2012 de ambas, bem como o conteúdo de seus respectivos mídia kits (material preparado especialmente com o intuito de apresentar para prováveis anunciantes as principais características da publicação, tais como classificação de leitores, tiragem, linha editorial etc.). Também analisei as capas dos dois primeiros anos de cada uma delas: 1969 e 1970 (*Pais & Filhos*) e 1993 e 1994 (*Crescer*). É desta visão recortada que surgem as considerações e notas apresentadas neste trabalho.



Quem produz tais discursos? Que vozes os autorizam? Que regimes de verdade regem as realidades retratadas?

3. Uma infância contemporânea nas páginas de *Pais & Filhos* e *Crescer*

Neste trabalho, pretendo fazer um diagnóstico do presente, numa perspectiva *foucaultiana*, mostrando que os discursos tomados como verdade hoje não o eram necessariamente no passado. Para tanto, as revistas *Pais & Filhos* e *Crescer* permitirão um distanciamento considerável para pensar não apenas as descontinuidades das representações que definem e delimitam a concepção de infância no Brasil, mas de igual modo as continuidades. Uma delas está presente no uso do texto científico como principal eixo da verdade. Em seus primeiros anos de publicação, cada matéria de *Pais & Filhos*, por exemplo, era assinada não só pelo redator e fotógrafo, mas também pelos especialistas que tivessem fornecido as informações contidas nela, especialmente pediatras, geneticistas, psicólogos, psicoterapeutas, psicanalistas e especialistas em nutrição e sexualidade, dentre outros. Já em *Crescer*, durante todo o primeiro ano da revista, uma seção especial trazia a foto e um minicurrículo dos consultores das áreas de Pediatria, Ginecologia, Psicologia, Nutrição, Direito, Dermatologia, Homeopatia, Fonoaudiologia, Odontopediatria, Veterinária e, no segundo ano, além destes, Sexualidade e Psicopedagogia. Atualmente, a presença dos peritos prevalece e suas vozes continuam dotadas de autoridade.

Nos dois últimos anos, os especialistas permanecem com a autoridade para falar, prescrever, orientar e aconselhar. Além dos campos de saber já citados, não se pode deixar de pontuar a forte e reverenciada presença dos peritos da Neurociência, área a que se recorre cada vez mais como produtora de verdades sobre a infância. Levando-se em consideração que o desencaixe dos sistemas tradicionais de vivência impôs aos indivíduos o árduo trabalho de arquitetar os meios de posicionamento adequado, é possível vislumbrar o quanto a capacidade e a habilidade de produzir narrativas eficazes de si mesmos ocupam os indivíduos. Giddens (1991, 2002, 2003) afirma que essa tarefa vai ser marcada pela crescente influência de sistemas modernos que, cada vez mais especializados, oferecem uma infinidade de tipos de peritos – os expertos que orientam como viver e escolher num mundo em que liberdade e autonomia passam de privilégio para responsabilidade.



Em revistas como *Pais & Filhos* e *Crescer*, a autoridade de fala está, certamente, baseada no conhecimento dos especialistas. É o que deixa claro o editorial da primeira edição da revista *Crescer*: “não temos a pretensão de substituir os indispensáveis serviços médicos e educacionais de que você e sua família tanto precisam. Ao contrário CRESCER foi concebida com base na competência e experiência desses experts” (Editorial, *Crescer*, n. 1, p. 5). Esta afirmação, ao lado das sucessivas matérias e abordagens ancoradas no conhecimento dos *experts* permite que tais publicações sejam encaixadas naquilo que Freire Filho (2010, 2011) chamou de *jornalismo de autoajuda* – um fenômeno vinculado à expansão dos conceitos do campo *psi* nas mais distintas áreas, como, por exemplo, a grande imprensa, tornando-a uma fonte de elementos importantes na construção de novas subjetividades.

A observação preliminar dos dois últimos anos de *Pais & Filhos* e *Crescer* possibilitou, ainda, um pequeno mapeamento dos assuntos mais recorrentes na atualidade, em ambas publicações. Uma breve análise mostrou que a gravidez é o assunto mais abordado nas chamadas de capa, entendida como o período desde o planejamento da gravidez, seja ela natural ou assistida, passando pelos meses de gestação, a escolha da maternidade e do pediatra, a decoração do quarto do bebê, exercícios, enjoos, pré-natal, tipos de parto, até a chegada do bebê em casa e o início de sua rotina. Entretanto, foram encontrados no banco de teses do portal Capes dois trabalhos que estudaram, em *Pais & Filhos*, a questão do corpo grávido (SCHWENGBER, 2006) e, nas duas publicações, as representações da gravidez (MENDONÇA, 2010)²¹.

Depois deste, o assunto que parece mais recorrente, em suas diferentes atribuições, é o desenvolvimento – seja ele motor, psicossocial ou cognitivo. A princípio, penso que este seria o eixo temático mais apropriado para o propósito desse trabalho, por dar uma ampla oferta de material de análise e por ser o *desenvolvimento*

²¹ Os demais eixos temáticos encontrados na observação das capas das revistas *Pais & Filhos* e *Crescer*, nos anos de 2011 e 2012, com algumas de suas abordagens, foram: **Desenvolvimento motor, psicossocial e cognitivo**: os primeiros passos, autoconfiança, introversão X extroversão, fim do uso da chupeta, consumismo, necessidade de psicoterapia e fonoaudiologia, a importância da amizade na infância, birras e pirraças, aprendizado de ações como amarrar os sapatos e falar, cronologização das capacidades, necessidade de estímulos para o cérebro; **Educação**: primeira escola, adaptação, lição de casa; **Maternidade/Paternidade**: como preparar o filho para a vida, gestão e otimização do tempo, contratação de babá, medos, relacionamento parental com enteado, homossexualidade dos pais/mães, mães solteiras, divisão de tarefas; **Saúde**: calendário de vacinação, escolha do pediatra, genética, rotina do sono, obesidade, câncer e enxaqueca infantis, remédios caseiros, prevenção, alergias, alimentação saudável, vegetarianismo, saúde dental, hiperatividade; **Brinquedos**: listas dos melhores do ano, dicas de modos de uso; **Entretenimento/festas**: planejamento, serviços, aniversário, Natal, Páscoa, férias, turismo.



uma questão que perpassa a infância, independente da época. Um dado importante é que parece haver uma diferença na concepção do que seria de fato esse desenvolvimento. Atingi-lo, passaria, agora, por uma pedagogia do estímulo que a revista procura demonstrar, baseada no conselho dos peritos, em que cabe aos pais proporcionar um ambiente que permita à criança desenvolver ao máximo seu *potencial*.

Para explorar este assunto, é fundamental levar em conta que estas transformações estão sendo operadas em meio ao avançar constante da Modernidade, marcada especialmente pela prevalência de um capitalismo globalizado. Dentre os aspectos que Sennet (2006) trabalha no âmbito desses novos arranjos sociais, políticos e econômicos, está a priorização do potencial em detrimento da habilidade específica adquirida. Para ele, a valoração do indivíduo dessa Modernidade avançada está mais atrelada ao que ele demonstra poder fazer, numa situação futura (diante de uma determinada necessidade), do que a um conhecimento que ele tenha adquirido no passado. É necessário que ele exponha seu potencial, ou seja, suas competências e habilidades latentes.

Nas páginas das edições analisadas, o surgimento desse potencial parece ser uma responsabilidade dos pais, que deverão criar um ambiente que permita aos filhos desenvolver capacidades que lhes serão úteis e necessárias num tempo futuro. Os discursos em questão sinalizam para o que estou chamando de uma *pedagogia do estímulo*, ancorada no conselho dos peritos, que se baseiam numa verdade científica, como se vê no exemplo a seguir. Na matéria “Como preparar seu filho para a vida” (*Crescer*, Ed. 213, agosto de 2011), a revista convida: “Veja como você pode ajudar seu filho a desenvolver as habilidades emocionais”²². As habilidades a que se refere a chamada de capa são autoconfiança, paciência, coragem, tolerância, persistência, controle dos impulsos, autoconhecimento, empatia, comunicação e resistência às frustrações. Elas devem ser aprendidas no dia a dia da criança, por meio de pequenas atitudes dos pais, apoiadas sempre numa conversa que passa pelo escrutínio dos anseios e sentimentos da criança. Assim, a habilidade emocional da autoconfiança, por exemplo, pode ser “desenvolvida” quando o pai ou a mãe conversa com a criança sobre seus medos e lhe oferece apoio para lidar com esse sentimento. O sujeito infantil, então, vai se construindo nesse lugar de diálogo, onde a criança deverá ser incitada o tempo

²² A matéria contextualiza a importância de ensinar os filhos desde tenra idade a lidar com possíveis situações de frustração, estresse e ansiedade, que poderão atingi-los na vida futura.



todo a falar de suas angústias, frustrações, alegrias, prazeres etc, ou seja, onde será *estimulada* a dizer-se, fazer-se, expor a sua interioridade.

Ao buscar compreender as alterações culturais que marcaram a passagem da primeira para a segunda metade do século XX, Lipovetsky (1983) chegou à conclusão de que a procura pelo autoconhecimento está ligada a um fenômeno que ele chamou de *personalização* – o individualismo contemporâneo, para ele. Neste cenário, há todo um esforço para tornar o interior individual conhecido (e valorizado). Fazer visível o “eu autêntico” passou a ser uma tarefa necessária. No caso em questão, cabe aos pais estimular os filhos a que tragam para fora considerações que lhes permitirão perscrutar o interior dos filhos e conhecê-los e, a partir desse conhecimento, conduzi-los a uma existência cada vez mais bem-sucedida. A infância contemporânea que aparece nas páginas de *Pais & Filhos* e *Crescer*, portanto, sinaliza seu vínculo com seu próprio tempo e aponta para a construção de novas tecnologias de subjetivação.

4. Considerações finais

A questão da infância é, sem dúvida, uma das mais prementes na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito à elaboração de programas de governo com vistas ao controle e governo da chamada *primeira infância*, conforme descrito acima. As transformações pelas quais a concepção de infância tem passado suscitam debates e discussões em diferentes áreas do conhecimento, em busca não apenas de determiná-la, fixá-la, delimitá-la, mas sobretudo de compreender as construções sociais da contemporaneidade (BIRMAN, 2006; BUCKINGHAM, 2007, 2012; CASTRO, 1998, 2001). Neste sentido, acredito que pesquisar os discursos de uma infância brasileira contemporânea me permitirá compreender a produção de um *sujeito infantil contemporâneo*. Esta tarefa não apenas desnaturaliza a infância, mas encontra em sua constituição contemporânea sinais que ajudam a compreender a dinâmica da própria cultura em que tal fenômeno se tornou possível.

5. Bibliografia

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo. In: Cardoso, M.R. **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias digitais**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. As crianças e a mídia: uma abordagem sob a ótica dos estudos culturais. **Matrizes**. São Paulo, Ano 5, n. 2, jan-jun 2012, p. 93-121.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CASTRO, Lucia Rabello de (Org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

_____. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: _____ (Org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau Editora: Faperj, 2001, pp. 19-46.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. Anthony Giddens. In: CASTRO, Celso, FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Lucia Lippi (Orgs). **Conversando com...** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, pp. 11-30.

_____. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREIRE FILHO, João. **Fazendo Pessoas Felizes: o poder moral dos relatos midiáticos**. XIX Encontro da Compós (trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade), PUC-RJ, junho de 2010. Disponível em http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_joao_freire_filho.pdf. Último acesso em 13/02/2013.

_____. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. **Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, set-dez 2011, p. 717-745.

MENDONÇA, Maria Collier de. **Grávidas, mães e a comunicação publicitária: uma análise semiótica das representações da gravidez e maternidade na publicidade contemporânea de mídia impressa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

ROSE, Nikolas. **Inventing our selves**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. **Governando a alma: a formação do eu privado**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998, pp. 30-45.



_____. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 137-204.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni, SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens, v. 1**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 265-324.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si?** A Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net**. São Paulo: Makron Books, 1999.

TOMAZ, Renata C. de Oliveira. **Da negação da infância à invenção dos tweens: imperativos de autonomia na sociedade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011.